

Parte I - Os dados e suas análises
**Discentes conectados:
perspectivas na educação presencial e remota**

Sandra Pereira Falcão
Rogério Pelizzari de Andrade

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FALCÃO, S. P., and ANDRADE, R. P. Discentes conectados: perspectivas na educação presencial e remota. In: CITELLI, A., ed, *Comunicação e educação: dinâmicas midiáticas e cenários escolares* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2021, pp. 101-114. Comunicação e educação series, vol. 7. ISBN: 978-65-8621-337-9. <https://doi.org/10.7476/9786586213379.0009>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Discentes conectados: perspectivas na educação presencial e remota

*Sandra Pereira Falcão
Rogério Pelizzari de Andrade*

Introdução

A nossa pesquisa de campo teve distribuição mais diversificada entre os/as estudantes, alcançando amostragem variada do ponto de vista da localização geográfica, da idade e do nível de educação cursado. Nos blocos a seguir, detalhamos tais aspectos, cruzando-os com observações acerca das escolhas metodológicas empregadas na captação dos dados e seus desdobramentos, bem como tratamos de prisma relativo aos conteúdos acessados pelos/as discentes na internet e alguns desdobramentos vinculados ao tempo pandêmico atual.

Cabe destacar inicialmente que as informações coletadas antes do início da pandemia e da conseqüente paralisação das aulas presenciais apontaram que menos de 5% da amostra não tinha acesso a smartphones. A leitura precipitada do dado indicaria a existência de condições favoráveis para a adaptação do sistema de ensino ao modelo a distância. A familiaridade dos/as jovens com os dispositivos comunicacionais e a possibilidade de realizar as atividades escolares sem sair de casa seriam facilitadores adicionais neste processo e poderiam representar oportunidades para a introdução desde já de estruturas permanentes voltadas para a educação remota.

Estudos realizados ao longo dos meses subsequentes, contudo, revelaram cenário preocupante. Levantamento do Datafolha (2020) feito em parceria com a Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures indica que, em setembro, o celular (84%) foi o dispositivo por meio do qual os/as educandos/as mais tiveram acesso a atividades escolares. Esse foi o melhor

desempenho alcançado em uma série histórica que, em julho, apontava um alcance bem menor (69%) e que deixava de fora quase um terço dos/as estudantes brasileiros/as.

Além disso, a pesquisa, respondida por 1.021 responsáveis por crianças e adolescentes matriculados/as na rede pública de ensino, aponta que 54% dos alunos/as se sentem desmotivados/as a acompanhar os encontros virtuais e a realizar as atividades em casa; 65% dizem ter dificuldades para se adaptar às novas práticas de estudos e 50% acreditam que não houve evolução no aprendizado.

De acordo com reportagem publicada no jornal O Estado de S. Paulo (OKUMURA, 2020), um trabalho divulgado pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) no final do segundo semestre de 2020 destaca que 67% dos/as estudantes sentem dificuldade para se organizar na nova rotina de aulas online. Entre as principais razões apontadas por eles e elas estaria a falta de concentração.

A tendência à dispersão e à falta de disciplina em contextos como o acima apresentado é confirmada por trabalhos anteriores ao cenário estabelecido pela pandemia do novo coronavírus. Estudo de caso aplicado em 2016 envolvendo jovens com idade entre 11 e 29 anos demonstra propensão maior à realização de outras e múltiplas atividades simultâneas no tempo reservado ao estudo fora da sala de aula. Cerca de 65% da amostra admitia, por exemplo, cultivar o hábito de mexer no celular e assistir à TV ao mesmo tempo que fazia o dever de casa (ANDRADE, 2017).

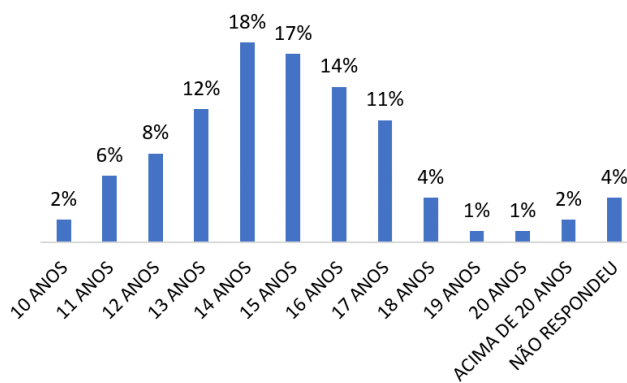
Como confirmarão as informações a seguir, os dispositivos comunicacionais – especialmente os móveis –, assim como seus recursos e linguagens, são familiares e alcançam um espectro significativo da população estudantil, inclusive, oriunda da escola pública. Mais do que isso, pertencem à cultura destes meninos e meninas, os/as quais interagem e compartilham experiências por intermédio de tais dispositivos. Entretanto, essa relativa abrangência não é acompanhada por condições econômicas, sociais e pedagógicas, entre outras, para atender às condições básicas de educação que possa ser considerada ampla, igualitária e efetiva.

Perfil etário, escolas frequentadas e padrões de acesso digital discente

A maioria dos participantes (90%) registra idade entre 11 e 17 anos, com os picos constatados entre os/as adolescentes de 14 (18%) e 15 (17%) anos.

Em relação às séries de maior presença, destacaram-se, na ordem, o 9º (19%) e o 8º ciclo (17%) do fundamental II, seguidos do 1º (15%) do ensino médio.

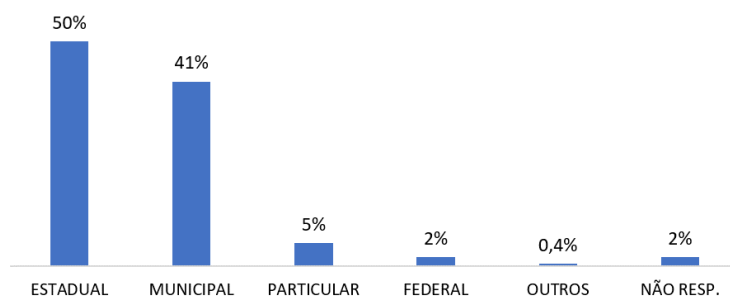
Figura 1 - Idade dos alunos



Fonte: MECOM (2019)

A única exceção — entre as variáveis coligadas ao perfil do alunado — que indica expressiva concentração diz respeito à natureza da rede de ensino à qual estão vinculados. Apenas 5% das matrículas relacionam-se a uma escola particular, enquanto 50% são estaduais e outras 41% municipais, o que revela a majoritária participação de educandos e educandas alocados em unidades públicas.

Figura 2 - A sua escola é:



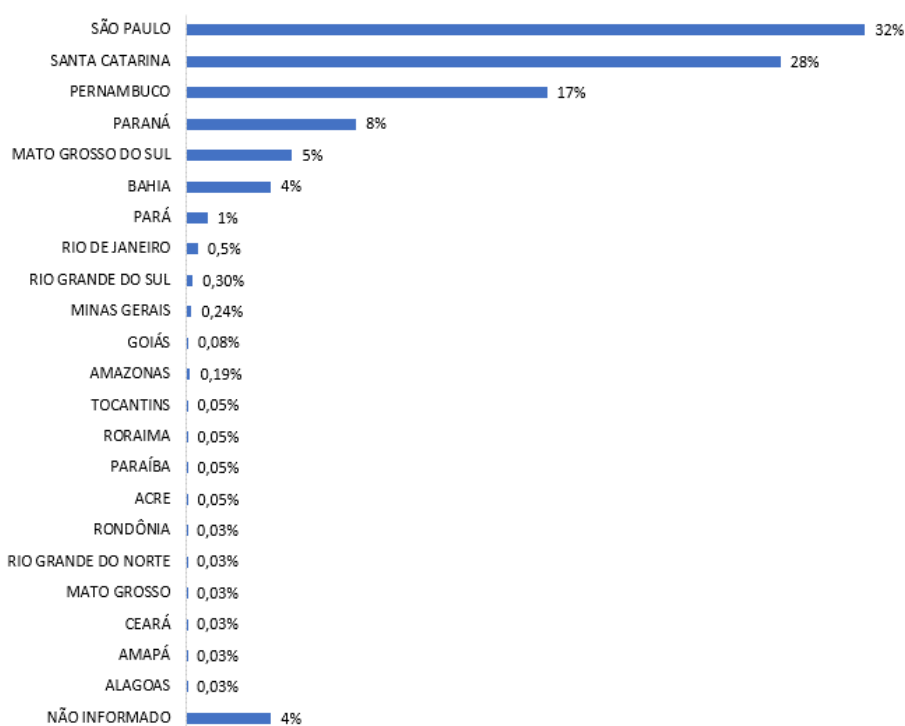
Fonte: MECOM (2019)

A pesquisa alcançou, ao todo, crianças, adolescentes e jovens adultos matriculados em escolas localizadas em 22 dos 26 estados da federação. Assim como observado entre os/as professores/as, São Paulo teve a maior

participação, com 1173 respondentes (32%). Completam o conjunto das localidades onde foi aplicada a maior quantidade de questionários, em sequência, Santa Catarina (28%), Pernambuco (17%), Paraná (8%), Mato Grosso do Sul (5%) e Bahia (5%). Os 16 demais alcançaram percentual menor que 1%.

Parece oportuno destacar o detalhe de que uma quantidade muito reduzida de estudantes, comparada ao número de professores/as, não preencheu esta pergunta. Enquanto entre os/as educandos/as apenas 2% não responderam, no grupo dos/as docentes este valor é mais de cinco vezes maior, alcançando 20% dos/as respondentes.

Figura 3 - Estado no qual o aluno estuda



Fonte: MECOM (2019).

Refletir sobre a estratégia utilizada no levantamento de dados da região Sul do país nos oferece pistas no tangente à familiaridade dos/as alunos e alunas com as novas tecnologias digitais e à maneira como eles são impactados pela aceleração social do tempo. Como diversificamos os procedimentos adotados na aplicação da pesquisa, um dos nossos pesquisadores, Wellington Nardes, optou pelo contato com estudantes por intermédio de redes sociais e a aproximação inicial era feita através de mensagens encaminhadas

às páginas do Facebook de grupos ligados às escolas — ele escrevia a respeito da pesquisa e sua importância e pedia autorização para socializar o formulário digital entre os participantes.

A receptividade à pesquisa foi, no geral, positiva, e, muitas vezes, o pesquisador era inserido em comunidades do WhatsApp de salas de aula ou de estudantes de determinadas instituições educativas para divulgar o estudo e solicitar o preenchimento do questionário.

O sucesso do método se traduziu no volume de dados obtidos e em um prazo curto. Entre as 17h42min do dia 31 de outubro e 19h34min de 8 de novembro de 2018, portanto, pouco mais de oito dias, 1329 jovens (ou 35,8% do total da amostra), de 127 cidades, sobretudo dos estados do Paraná e Santa Catarina, acessaram e responderam ao formulário por nós encaminhado.

Chama a atenção o fato de, nas primeiras oito horas, 737 (19,8% do total da amostra) novas participações terem sido registradas no banco virtual. Além disso, entre 18 e 20 horas daquele primeiro dia reuniram-se mais dados de estudantes (593 questionários) do que aqueles captados entre os/as professores/as (509) ao longo de todo o período de aplicação da pesquisa. Outro ponto requer menção: 56 destas participações foram computadas entre 23 e 7 horas da manhã, ou seja, muitas delas ocorreram durante a madrugada.

Os resultados gerais reforçam a percepção de que existe uma estreita e contínua relação entre os/as estudantes e as mídias digitais. O smartphone (86%) foi citado por eles e elas como o meio mais utilizado para acessar a internet. Aliás, tal dispositivo é quase exclusivo: a segunda opção com o maior número de citações, o notebook/laptop, não alcança sequer um terço da amostra (32%) e os desktops, que, diga-se de passagem, estão presentes nas salas de informática de boa parte das unidades de ensino, foram mencionados por menos de um quarto dos/as participantes (23%).

Podemos fazer ao menos duas observações a partir da análise desses dados: a) os/as professores/as utilizam de forma mais usual outras plataformas para realizar suas conexões (o dobro do percentual de docentes afirmou que utilizam notebook/laptop (66,8%) e proporção quase equivalente em relação ao desktop (41,3%)); b) há uma tendência em ambas as amostras (docentes e discentes) no sentido de privilegiar as tecnologias móveis de comunicação.

Dentre os prováveis motivos para a consolidação dessas características evidencia-se o barateamento dos celulares em relação a outros aparatos e sua versatilidade, pois reúnem uma multiplicidade de recursos nos quais se incluem aplicativos, ligações telefônicas, mensagens de texto e, é claro, a possibilidade de carregá-los para qualquer lugar.

As informações estratificadas da pesquisa apontam que um dos reflexos diretos do custo reduzido e da flexibilidade oferecida pelos smartphones constitui-se no fato de apenas 5% dos/as educandos/as afirmarem não ter acesso a este recurso (entre alunos do ensino médio, o percentual é ainda menor: 2%. Por idade, inicia com 22% aos 10 anos, caindo para 7% aos 13,3% aos 16 e zero aos 19). Além disso, 58% admitem acessá-lo ao menos de vez em quando durante as aulas (alcança 75% dos/as educandos/as com 17 anos e 72% de todos os/as matriculados/as no ensino médio), 59% permanecem conectados/as por mais de cinco horas por dia e quase dois terços dos/as alunos/as (62%) admitiram ter deixado de fazer tarefa escolar por terem ficado muito tempo navegando na internet.

Observamos que a oferta de uma miríade de recursos visuais e sonoros, assim como a possibilidade de entrar em contato com outras pessoas e de não apenas consumir, mas também de produzir conteúdo, em qualquer lugar e a qualquer hora, acabam por reduzir o espaço e o tempo da educação formal. A concorrência de produtos considerados mais atraentes, em geral voltados ao entretenimento, relega a segundo plano as atividades associadas às relações ensino-aprendizagem nas salas de aula — é preciso considerar que o estudo das matérias, a preparação para as provas, a realização dos trabalhos e deveres escolares são atravessados e, no limite, preteridos por experiências recortadas pelos *media*. Do mesmo modo, ganha relevância a discussão acerca de quanto o entretenimento faz parte da educação e de como a molda de maneira mais afeita à dinamicidade atual dos/as mais jovens (HAN, 2019).

A prevalência dos dispositivos móveis em relação a outros meios é percebida também nos números obtidos na questão que trata das plataformas apontadas como preferidas pelos/as jovens para assistir aos programas. A televisão aberta, até algumas décadas atrás praticamente a única opção disponível, hoje é apenas a quarta (30%), um pouco à frente do serviço de TV por assinatura convencional (29%). O índice representa menos da metade do desempenho obtido pelo YouTube (76%) e está bem abaixo de outras alternativas como Netflix (57%) e os aplicativos para celular (42%).

Convidados a indicar o que mais procuravam enquanto navegavam na internet, os alunos escolheram principalmente vídeos (81%), redes sociais (76%), música (69%), sites de busca (56%) e jogos (52%), esclarecendo a extensão e profundidade dos recursos audiovisuais e da iconicidade na cultura contemporânea.

Ao analisarmos os resultados por idade, constatamos entre os/as mais jovens a propensão maior para se interessarem por entretenimento e menor por interações nas comunidades virtuais. Entre os/as mais velhos/as,

a relação é exatamente oposta. Quando comparamos os/as estudantes de 10 e 19 anos, reconhecemos que os/as primeiros/as elegeram jogos (71%) como a opção favorita, enquanto as redes sociais não são tão prestigiadas (37%). Entre os/as últimos/as, a situação se inverte: Facebook, Instagram e Twitter são mais buscados (88%) e os games (40%) figuram na sexta posição, atrás, inclusive, do e-mail (43%).

Diante das informações e comentários a orientar as nossas discussões em torno dos hábitos midiáticos dos/as estudantes, podemos afirmar que eles/as estão permanentemente conectados/as, de maneira que esta relação joga forte influência no cenário da educação formal. Do ponto de vista do estreitamento dessa comunhão discente com o mundo digital, havemos de frisar o aprendizado intergeracional incrementado durante a pandemia (amiúde entre docentes e discentes — estes por vezes orientando aqueles em determinados procedimentos online) e, ao mesmo tempo, algumas queixas dos/as alunos/as sobre as dificuldades pessoais, o cansaço, a monotonia e os desencontros pedagógicos vivenciados em longas horas aplicadas às aulas e tarefas.

Relatos discentes coletados por pesquisadores/as em diferentes latitudes ao longo dos meses marcados pelo ensino remoto emergencial apontaram arestas importantes a serem aparadas no restante do período de quarentena. Dentre elas, a inadequação do tempo de aula quando esta é dada por via digital — encontros de uma ou duas horas deveriam ter seu tempo enxugado na versão digital, segundo jovens por nós ouvidos em conversas informais. Muitos estudantes recorreram, segundo afirmam, à duplicação da velocidade de exibição das aulas nas plataformas digitais; outros deixaram as câmeras desligadas e, enquanto ouviam os conteúdos, realizavam também outras tarefas, tanto físicas quanto intelectivas.

As opções pedagógicas dos professores e professoras igualmente foram alvo de críticas por parte dos alunos e alunas quando se depararam, por exemplo, com tarefas excessivas (desconsiderando as dificuldades domésticas durante o recolhimento coletivo); a problemática da indisponibilidade de um celular ou um computador por pessoa em boa parte das famílias, no caso de países como o Brasil (o que obriga a rodízios para estudo e trabalho de pais e filhos); a não alternância entre apresentações em PowerPoint e interações mais dialogadas em rede com os/as estudantes — dentre outros aspectos.

Documento do Instituto Península abarcando e cotizando pesquisas de diferentes instituições durante a pandemia de Covid-19 reforçou distintas preocupações familiares no quesito educação juvenil, incluindo aquelas

relacionadas às disparidades socioeconômicas a se constituírem óbices para o bom andamento das atividades remotas de ensino-aprendizagem: “A gente tem de comprar créditos para poder utilizar internet e não tem computador ou celular disponível para todos ao mesmo tempo.” [familiar de aluno, em estudo da Fundação Lemann em parceria com o Itaú Social] (PENÍNSULA, 2020).

Guilherme Soares Machado, de 14 anos, aluno de escola pública brasileira, deu seu depoimento a um canal de comunicação nos seguintes termos:

Estou passando por três situações: tem matéria em que o professor criou até um canal no YouTube para melhorar a explicação; com outras, o conteúdo passado não está relacionado com a matéria diretamente; e, em outras, para obter ajuda, tenho que enviar e-mail para o professor, que em alguns casos não é correspondido. Do meu ponto de vista, o ensino público não está preparado para o EaD [ensino a distância]. (SUSPENSÃO, 2020).

Rui Pedro, estudante do ensino básico lusitano, redigiu depoimento pessoal que se transformou em capítulo de obra editada por pesquisadores portugueses (ALVES; CABRAL, 2020). O excerto abaixo dá conta de percepções bastante assemelhadas às de jovens de outras nacionalidades:

Depois de ter sido decretado o fecho das escolas, eu apenas tive dois dias sem nada que fazer, pois logo a seguir a minha escola implementou a política de aulas online. No início eu estava eufórico, pois a escola tinha fechado e iríamos ter algo nunca antes pensado, que eram as aulas online. A minha escola deu a todos os alunos tudo o que necessitávamos para não ficarmos prejudicados com este sistema. Quando tudo isto começou, penso que todos estávamos a gostar, pois era tudo novo e diferente. Porém, com o passar dos dias fui-me desinteressando, pois como já nada era novo, eu comecei a perceber que algumas coisas que fazíamos não faziam muito sentido (pelo menos para mim). Pouco a pouco comecei a aborrecer-me com as aulas online e a cansar-me de estar tanto tempo ao computador. Não aguentava mais, mesmo tendo menos aulas. Isto porque, para as aulas assíncronas, havia aplicações com uma quantidade absurda de trabalho autónomo. Se já nos queixávamos durante o ano todo que não tínhamos quase tempo nenhum para nós próprios, agora nem para fazermos todo o trabalho autónomo temos tempo. Isto, se quisermos continuar a ter um pouco de sanidade mental e tempo para fazermos o que gostamos. Parece que os professores pensam que, como estamos sempre em casa, não temos mais nada que fazer. Mas isso não é verdade. Nós todos temos atividades em casa que adoramos. Eu, por exemplo, adoro jogar PlayStation 4 com os meus amigos, pois nestas circunstâncias é o único contacto que tenho com eles. Também adoro fazer edição de clipes de jogos, como por exemplo *highlights* (os melhores momentos) e isso tudo leva tempo.

Mas também serve para continuarmos felizes a fazer o que gostamos, mesmo em época de quarentena, porque a vida não é só estudar nem trabalhar. Penso que devemos viver, e não ser uma máquina que só pensa em estudar. Na minha opinião, apenas um robot conseguiria fazer todo o trabalho que nos pedem e ainda poder fazer o que se gosta. Claro que em tempo de aulas normal isso vai sendo possível, mas neste momento não dá. (PEDRO, 2020).

Julgamos oportuno lembrar, por fim, a perspectiva segundo a qual as novas experiências relacionadas aos meios de comunicação, tanto pós quanto pré-pandêmicas, são influenciadas por vetores como os algoritmos, que tendem a configurar o perfil de certos públicos, orientando-os na direção de bens, serviços, produtos, gostos, interesses, preferências (um dos pesquisadores do MECOM, Douglas Calixto, desenvolve pesquisa que aborda o tema dos algoritmos a partir da perspectiva educacional. Ver: CALIXTO, 2018). Se desconsiderarmos tal prisma ao intercruciar ensino presencial, ensino remoto e diferentes públicos envolvidos em sua concretização, deixaremos de aclarar o panorama atual quanto às adjacências inerentes ao fenômeno algorítmico.

O cenário descrito no momento anterior à pandemia pode colaborar para que sejam forjadas relações menos interativas, afetivas e abrangentes entre educadores e educandos, conquanto simultaneamente transpareça afabilidade crescente entre sujeitos e máquinas, entre indivíduos e seus avatares, bem como acirramento da dependência dos primeiros em relação aos últimos. Nesse jogo de afetos, o distanciamento estabelecido pela falta de conhecimento a respeito dos valores, das formas de pertencimento, dos elementos de constituição de sentido do outro arriscam favorecer a ausência de diversificação e o esgarçamento nos fios das tramas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. E como nos lembra Serres, “antes de ensinar o que quer que seja a alguém, é preciso, no mínimo, conhecer esse alguém.” (2013, p. 12) — isso vale para o exercício da docência de maneira geral e, igualmente, norteia nossos caminhos específicos de pesquisa. O cenário “durante a pandemia”, por seu turno, revelou a emergência de relações mais afetivas, mais interativas, abrangentes, focadas na proposta de conhecer os actantes da educação — discentes em especial. Seus interesses precisam ser levados em conta, de maneira a obter-se ganho no processo educativo.

O que se pode verificar, na composição geral do perfil dos/as estudantes alcançados pela nossa pesquisa, é o declínio de interesse pela televisão aberta e também pela TV por assinatura em relação a outras possibilidades. Conquanto a TV possa também ser acessada através das tecnologias móveis,

os/as alunos/as preferem conectar-se a conteúdos mais personalizados, como os do YouTube, ou assistir a séries e filmes de sua preferência. Frise-se que embora canais pagos de televisão estejam em declínio na preferência dos/as mais jovens, canais de *streaming* pagos, como Netflix e Amazon Prime, seguem em ascensão. Aplicativos de celular (entre os quais igualmente figuram os referidos canais de *streaming*) também alcançam maior preferência em relação à TV (estão em terceiro lugar na lista de opções dos/as estudantes). Há que se pensar, aqui, na migração econômica dos interesses comerciais em um mundo “corrido”: se antes a propaganda da TV e sobre a TV atingia massivamente grandes contingentes populacionais, hoje ocorre um movimento avassalador no sentido de veicular propagandas que estimulem o uso das mídias locativas, para os mais variados fins. Mais do que isso, temos observado em certos textos digitais uma espécie de “prolongamento algorítmico” de modo a tornar sempre maior o texto e a quantidade de *pop-ups* publicitários aí inseridos. Temos, pois, dois movimentos a analisar neste contexto específico: de um lado, a recusa de grande parcela dos/as internautas à leitura de textos longos; de outro, a superexploração da paciência e certo dolo impingido àqueles que se dedicam a lê-los, considerando-se o procedimento recorrente de alguns sites: estender ao máximo seus textos, às vezes até formulando novos parágrafos algoritmicamente (ROCK CONTENT, 2020; ALMEIDA, 2020; GUIDELINES, 2021), como forma de obrigar o leitor a ver mais anúncios a cada enunciado. Cabe lembrar, também, quão disputado tem sido o mercado de *streaming* — a aparição da Amazon na pesquisa é uma amostra do esforço de gigantes do mercado para abocanhar seu quinhão face aos novos hábitos de consumo de mídia.

A comunicação mais centrada em produtos audiovisuais destaca-se entre os alunos e alunas. Observa-se que apenas um terço das opções assinaladas inclui acessar e-mails, demonstrando ser esta uma forma de comunicação menos usual neste segmento. Dada a instantaneidade onipresente noutras alternativas de comunicação, infere-se que o *delay* temporal um pouco maior associado ao e-mail e à atividade de “abri-lo” para consultas o relega a planos de menor destaque em relação à década passada, por exemplo. A opção relativa a buscar conteúdos especificamente para realizar leituras alcança menos de um terço das citações. Os alunos e alunas, aparentemente, não se dedicam com muito vigor à busca de conteúdos para ler nem se preocupam demais em “procurar” conteúdos com o fim específico de distribuí-los para outros e outras colegas — conquanto compartilhem largamente nas redes diferentes tipos de materiais audiovisuais e mesmo comentários rápidos sobre situações cotidianas. Quanto ao que consideram “conteúdos de pesquisa”, item bastante

assinhalado, não podemos afirmar ao certo se os/as estudantes pensaram em pesquisa escolar, acadêmica, científica, ou, simplesmente, em pesquisas para satisfazer outras necessidades/curiosidades do dia a dia. Tal equação pode ter encontrado reversões importantes durante os meses nos quais estamos vivenciando a pandemia. Este aspecto exige aprofundamento posterior.

Conclusão

Os critérios estabelecidos para o levantamento e análise dos dados não nos permitem a formulação de inferências estatísticas, nem a generalização dos resultados. Contudo, a abrangência das informações coletadas, que alcançou quase a totalidade dos estados brasileiros, e a distribuição da amostra — que entre os 12 e os 17 anos, variaram entre 8% e 17% dos questionários obtidos — ao menos oferecem condições de apontarmos algumas tendências: (i) mais de 90% estavam matriculados/as em escolas públicas; (ii) acessam a internet por intermédio de seus smartphones (86,4%) em detrimento de outros dispositivos, que oferecem menos mobilidade ou nenhuma, como o notebook/laptop (32,4%) ou o desktop (23,2%); e (iii) preferem as plataformas digitais (YouTube, por exemplo) às mídias tradicionais (TV).

Os achados deste perfil discente trouxeram inúmeras portas investigativas pelas quais podemos enveredar para aprofundamento analítico, e, vistos agora sob cenário radicalmente alterado, incitam-nos a mergulho mais profundo nas águas do ensino remoto emergencial e seus desdobramentos. No mais recente congresso da Intercom¹, alguns dos artigos apresentados pelos integrantes do nosso grupo de pesquisa, o MECOM (Mediações Educomunicativas), encaminharam-se nesse sentido (FALCÃO, 2020; BIERWAGEN, 2020; COSTA, 2020; SOLEDADE; CARVALHO, 2020). Esperamos em breve oferecer novas colaborações na divulgação científica correlacionada a tais buscas.

¹ Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (<https://www.porta-intercom.org.br/a-intercom>).

Referências

- ALMEIDA, G. M. Spinbot, o robô do mal. **Publishnews**, 18 fev. 2020. <https://www.publishnews.com.br/materias/2020/02/18/spinbot-o- robo-do-mal>. Acesso em: 07 jan. 2021.
- ALVES, J. M.; CABRAL, I. (orgs.). **Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção**. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020. Disponível em: http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Ebook_Ensinar_e_aprender_em_tempos_de_COVID_19.pdf?fbclid=IwARoKgfz1-c9-Qk6Z1-OpG1405Gu4hyLb8w3e8JnuAzhnbuxYQBypW72jBaw. Acesso em: 27 maio 2020.
- ANDRADE, R. P. O lugar do estudo na aceleração do tempo. In: CITELLI, A. (org.). **Comunicação e educação: os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 101-116.
- BIERWAGEN, G. S. Formação continuada docente em tempos de pandemia da covid 19: os media e as tecnologias de informação e comunicação. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Virtual**, Salvador, Bahia, 1 a 10 dez. 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1315-1.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2021.
- CALIXTO, D. Algoritmos entre a experiência e o acontecimento: o novo *sensorium* nas práticas da Educomunicação. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 41º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**, Joinville, Santa Catarina, 2 a 8 set. 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0233-1.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- COSTA, S. Da contação de histórias à moda tradicional ao storytelling ao estilo contemporâneo: estratégias para estimular o aprendizado durante a pandemia. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Virtual**, Salvador, Bahia, 1 a 10 dez. 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1443-1.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2021.

DATAFOLHA. **Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias** – onda 4. Datafolha Instituto de Pesquisa, set. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2020/11/Pesquisa-Educacao-Nao-Presencial-na-Perspectiva-dos-Estudantes-e-suas-Familias-4-1.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2021.

FALCÃO, S. P. Comunicação e educação: variáveis humanas, tecnologia e ensino remoto em contexto de pandemia. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Virtual, Salvador, Bahia, 1 a 10 dez. 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-2795-1.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2021.

GUIDELINES. **Advanced Guidelines for Developments**. Google. 2021. Disponível em: https://developers.google.com/search/docs/advanced/guidelines/auto-gen-content?hl=pt-BR&visit_id=637457173693253041-3861637895&rd=1. Acesso em: 08 jan. 2021.

HAN, B. **Bom entretenimento: Uma desconstrução da história da paixão ocidental**. Petrópolis, Vozes, 2019.

OKUMURA, R. Pesquisa mostra que 67% dos alunos têm dificuldade para organizar estudo online na pandemia. **O Estado de S. Paulo**, 30 out. 2020. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,pesquisa-mostra-que-67-dos-alunos-tem-dificuldade-para-organizar-estudos-online-na-pandemia,70003495401>. Acesso em: 07 jan. 2021.

PEDRO, R. Quando as aulas entraram em casa. In: ALVES, José Matias; CABRAL, Ilídia (orgs.). **Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção**. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020. p. 130-132. Disponível em: http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Ebook_Ensinar_e_aprender_em_tempos_de_COVID_19.pdf?fbclid=IwARoKgfz1-c9-Qk6Z1-OpG1405Gu4hyLb8w3e8JnuAzhnbuxYQBypW72jBaw. Acesso em: 05 jan. 2021.

PENÍNSULA. **Retratos da Educação no contexto da pandemia do coronavírus**. Instituto Península, ago. 2020. Disponível em: <https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Retratos-da-Educacao-na-Pandemiav2.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2021.

ROCK CONTENT. O quanto as máquinas já aprenderam a escrever textos? **Rock Content Inteligência Corporativa**, 21 fev. 2020. Disponível em: <https://inteligencia.rockcontent.com/inteligencia-artificial-em-texto/>. Acesso em: 07 jan. 2021.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOLEDADE, R. T.; CARVALHO, T. G. L. Interação remota na educação infantil: os desafios comunicacionais na práxis docente. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Virtual, Salvador, Bahia, 1 a 10 dez. 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1098-1.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2021.

SUSPENSÃO. Dois meses após a suspensão de aulas presenciais, alunos, pais e professores relatam como está a educação durante a pandemia. **Portal G1, Educação**, 25 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/22/dois-meses-apos-a-suspensao-de-aulas-presenciais-alunos-pais-e-professores-relatam-como-esta-a-educacao-durante-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 06 jan. 2020.